

# Nem sempre progresso melhora saúde pública

**MARCO ATÔNIO FILIPPI**

As tentativas dos cientistas para racionalizar a grande quantidade de problemas trazidos pelas doenças parasitárias, infecções, deficiência alimentar, etc., indicam que cada um deles deve ser analisado de maneira multidisciplinar. Por exemplo, para lidar com o má nutrição, é necessário um estudo cuidadoso do crescimento das crianças, do modo pelo qual as mães as alimentam e as infecções que elas sofrem; as técnicas para esse fim, estendem-se desde as mais simples, como fazer a mãe mostrar o que dá ao filho, até as mais elaboradas em que são coletados dados químicos, clínicos e outros e analisados pelo computador. Mesmo no que parece ser uma comunidade rural simples, muitos fatores humanos, culturais, políticos e históricos se entrelaçam com os problemas de saúde e têm que ser compreendidos e admitidos, se quisermos melhorar a situação.

Ainda que possa ser realmente complicado analisar um problema particular, a tecnologia usada para solucioná-lo, segundo os cientistas, deve ser simples e diretamente adequada às circunstâncias. Um belo exemplo, é a agulha bifurcada usada com grande eficiência em vários milhões de vacinações que foram parte essencial do programa de erradicação da varíola da Organização Mundial da Saúde. Devido ao formato da agulha, suas duas pontas não podem penetrar facilmente muito adentro na pele; isso significa que uma pessoa sem prática precisa apenas de umas poucas e simples instruções para conseguir o arranhão de profundidade adequada para uma vacinação de varíola ser bem sucedida.

Muitos avanços no cuidado básico da saúde rural podem ser mais vantajosas como parte de um programa total para o desenvolvimento da área, abrangendo agricultura, estradas e moradia, assim como clínicas para mãe e crianças, vacinação, etc. Em consequência da interdependência dos fatores já mencionados, melhorias, por exemplo, na agricultura, podem na verdade ser danosas à saúde, mesmo apesar de algumas delas serem capazes de significar saúde melhor, por providenciarem mais e melhor alimento, ou uma prosperidade econômica geral maior.

Em muitos países, a irrigação melhora a produção agrícola, mas pode ser um risco para a saúde, porque geralmente isso significa muita água na superfície, de maneira que, se não for dado um adequado destino dos dejetos, eles podem contaminar a água de bebida, aumentando dessa forma, a difusão de doenças bacterianas como o tifo e gastroenterite, e viroses como a poliomielite e a hepatite. Ajudam também a espalhar algumas doenças parasitárias.

Muitas vezes, é de valor econômico e ecológico o uso das fezes, sejam humanas ou excreto animal, como fertilizantes. Eles podem, se o clima e o solo forem adequados, aumentar a produção das colheitas, mas devem ser manipulados com acerto. As fezes humanas, por exemplo, devem ser cuidadosamente proporcionadas nas misturas, caso contrário, salmonelas de animais podem contaminar o alimento destinado ao consumo humano e aumentar a difusão de moléstias contagiosas.

A irrigação pode favorecer também a espécie de mosquitos transmissores da malária. Os animais de criação também podem estar envolvidos. E os que abrigam a doença podem ser mordidos por outros mosquitos que transportam o vírus para o homem. Vemos pois, que a introdução da agricultura pode introduzir também a doença.

Caramujos que se criam nos canais de irrigação podem ser hospedeiros intermediários para o esquistossomo, em consequência, as pessoas expostas à água, podem contrair a esquistossomose. Os caminhões usados para transportar os produtos e equipamentos agrícolas podem levar o caramujo para áreas ainda não contaminadas, disseminando pois, mais longe, uma doença que pode impedir que as povoações aproveitem os benefícios em potencial de métodos agrícolas melhores, por se tornarem menos capacitadas para trabalhar e usar seus recursos melhorados.

No mundo todo, desbastar e lavrar terras incultas, tem seus riscos próprios e sérios para a saúde. A úmida floresta tropical pode parecer inocente, mas talvez encerre a malária e os vírus e transmissores de doenças como a febre amarela. Na bacia amazônica, a malária foi um sério problema para os seus colonizadores. Foi sugerido também, que algumas das chamadas infecções novas, que vêm aparecendo na África, como a infecção pelo vírus Ebola (conhecida em outros lugares como doença do macaco verde) podem ter sido contraídas por pessoas ao abrir roças em terras que nunca foram cultivadas.

Tudo isso parece ter sido um modo de encarar as coisas pessimista e negativamente, mas não se trata disso. A agricultura ativada pode trazer grandes benefícios melhorando a saúde das comunidades rurais, e também em outros sentidos. Mas é preciso pensar desveladamente e de maneira à longo alcance, interdisciplinar e ecológica, sobre os efeitos que as mudanças podem trazer num sistema até então bem equilibrado. Com essas precauções, os benefícios dos melhoramentos poderão ser desfrutados sem qualquer das desvantagens que tantas vezes temos experimentado, dizem os especialistas.